

A DRUIDARIA NO SÉC. XXI: DA SOBREVIVÊNCIA DA RELIGIÃO GALAICA NATIVA À SUA RELEVÂNCIA FUTURA

Xoán 'Milésio' Paredes

Introdução

Nestas poucas páginas enceto o desafio de tentar colocar por escrito algo que foi pensado para ser falado e dialogado. Vou tentar, também, expor algo extremamente complexo de forma mesmo breve e sempre introdutória. Por isso tudo, vou sintetizar muito e resumir ainda mais. Serva, pois, este texto como mera introdução a um tema infinito.

Ao falarmos da visão da vida e do mundo dos nossos *Devanceiros* (Antepassados), surge sempre uma primeira questão fundamental: como aplicarmos, hoje, uma sabedoria de há milhares de anos, duma tradição ética, espiritual e cultural que, sem ter tido uma linha contínua, sim apresenta um elo de conexão através do tempo.

A cultura

Daí impõe-se logo uma segunda pergunta: o que é uma cultura? Pois é de uma cultura específica que tiramos os nossos ensinamentos.

Um linguista ou filólogo terá tendência a falar de famílias linguísticas ou uma língua comum. Um historiador, a falar dum processo histórico partilhado, com referências comuns no passado. Um arqueólogo vai procurar restos físicos, materiais. Um antropólogo ou um etnógrafo talvez terá tendência a falar de usos e costumes iguais ou parecidos em determinados grupos humanos; tradições, crenças e ritos que atuam como cola social. Um geógrafo poderia defender que uma cultura pode ser identificada por um padrão de povoamento, por um sistema de ocupação e uso do território, por exemplo. E assim por diante.

A realidade é que uma cultura é realmente a síntese disso tudo e mais, e é por isso que quando falamos de qualquer cultura - uma cultura "X" - encontraremos se não todos, muitos desses elementos no seu cerne, interagindo de tal ou qual maneira.

Existe, então, bastante consenso em falar duma certa cultura europeia atlântica nativa (continuemos a chamar-lhe de cultura "X"), com umas peculiaridades que perduram até os nossos dias.

Ninguém fica surpreso quando nos referimos a elementos pré-romanos ou pré-cristãos bem identificáveis presentes nas antigas Gallaecia e Lusitânia,

e como isso encontra paralelismos claros noutras partes da Europa Atlântica. Ninguém pisca um olho se chegamos a afirmar que havia, há, restos dessa cultura “X”, pré-qualquer coisa, na nossa, agora.

Nada estranho. Nada polémico. Contudo, se dizemos que a cultura “X” é... celta? Já há quem começa a mexer na cadeira... Assim, é um problema terminológico? É a palavra que molesta e não o facto de existir um algo prévio que ainda está presente?

Por comodidade e simplicidade, aplicando se se quer o princípio da Navalha de Ockham, é lógico chamarmos a esse legado de “celta”, de Cultura Celta, que é palavra conhecida e o quadro referencial dentro do qual melhor se explica o que estamos a estudar. É exatamente pelos mesmos motivos de simplicidade e enquadramento, falamos da tradição espiritual ou religiosa ligada a essa cultura, ou se calhar é melhor dizer tradição erudita, de Druidaria ou Druidismo.

Que sabemos e como o sabemos?

De forma brevíssima, pode-se resumir a miríade de estudos ao respeito da seguinte maneira:

- Crónicas clássicas pré-cristãs: Descrições, fontes gregas e a *interpretatio* romana: o que os romanos diziam daqueles povos que encontravam sob a sua ótica (tipo interpretação livre e tendenciosa, mas com muitas informações para nós).
- Crónicas cristãs: Documentação medieval e eclesiástica, evidenciando a luta contra o paganismo (eis mais informação indireta de como eram as crenças e a cosmovisão dessas gentes).
- Gravados e restos materiais: Decorações, simbologia, estátuas, etc.
- Epigrafia: inscrições, escrita, incluída a epigrafia nomeando Durbede(s) (Druidas) na velha Gallaecia.
- Comparação direta entre territórios célticos: etnografia e folclore partilhado. Semelhanças, diferenças e análise contrastado de todos os casos; comparativa com territórios não-célticos (da que inferimos informações por eliminação).

Que tiramos dessas informações e comparativa (desde a perspectiva Druídica)?

Novamente, de maneira sucinta, observamos similitudes nalguns aspetos das crenças pré-cristãs e até medievais da Europa atlântica, nomeadamente do mundo céltico, em relação a:

- Viagens do Além e sobrevivência da alma depois da morte, com múltiplas referências à transmigração da alma dum ente físico para outro.
- Politeísmo e panteísmo: com múltiplas Deidades que apresentam diversas características, mas sempre complementares.
- Nomes de Deidades e funções comuns ou partilhadas: isto é, existe um contínuo céltico claro enquanto a nomes, epítetos e atributos das Deidades principais.
- Mesmo calendário de festividades, ritos, superstições, figuras lendárias, tabus, organização em tríades, etc.
- Códigos éticos, legais e de conduta similares: inexistência da dicotomia absoluta bem-mal, primazia do sentido da responsabilidade pessoal e a sua combinação com o “bem maior” do clã ou tribo, a justiça retributiva e não punitiva, etc.

A descentralização (política) vs a unidade e continuidade de crenças e saberes

Poderíamos falar duma autêntica Civilização celta, pois nos povos celtas encontramos todos os elementos necessários para definirmos uma civilização de igual maneira que foram definidas outras: justiça, hábitos, crenças e religião comuns, línguas parecidas, comércio e trocas de todo tipo, banhos e saunas públicas, rede viária, etc. Quer dizer, construtos sociais e infraestruturas físicas que requerem paz e cooperação, que precisam de estabilidade, continuidade e coordenação a grande escala.

No entanto, também é certo que os celtas eram um conjunto de povos livres, não-centralizados, que seguiam um modelo que hoje poderíamos chamar de confederal; algo que racha com a visão político-territorial grega e, principalmente, romana.

Eis a primeira lição da forma de ver a vida dos celtas: é a diversidade e o relacionamento natural constante por proximidade que acaba por criar uma cultura específica e uma sociedade forte e, na sua variedade, unificada de forma quase que descontraída.

Mas a religião era um caso diferente. Como diz Waggaman (1988): “Se bem não existia uma unificação política... o mesmo não podia ser aplicado, porém, à sua unificação baixo um sistema religioso comum... O Druidismo era a religião exclusiva dos celtas e [todos] partilhavam um sistema religioso idêntico... O Druidismo não era uma instituição tribal mas dalguma forma um culto internacional”. E ainda Pena Granha (2005): “A Céltica europeia

consiste em realidade numa interminável rede de milhares de comunidades políticas autónomas, independentes ou interdependentes ... falando línguas relacionadas em maior ou menor grau ... Mas essa rede multicolor responde a um único impulso organizativo, a um compromisso territorial e partilha uma fé comum ... A Religião Celta é fundamentalmente dogmática, com um sistema organizativo uniforme. A Céltica conformava-se dum modo comparável ao da Europa cristã medieval, fracionada politicamente mas unida pela estrutura [religiosa] dando-lhe o sentido e a força da unidade [com um] clero internacionalmente coeso.”

Não é por acaso que, voltando aos romanos, o próprio Júlio César visse nos Druidas os seus principais inimigos, pois eles (e elas) eram realmente o grupo instruído, as pessoas com o saber, encarregadas de viajar, partilhar, organizar e, portanto, manter toda essa grande rede civilizacional unida além dos poderes políticos locais.

Se antes falei de “cola social”, não é nada arriscado afirmar que a Druidaria era essa instituição que fazia as vezes de cola entre todos os povos celtas. Sem algo semelhante, uma civilização antiga não poderia ter-se desenvolvido e mantido durante milhares de anos.

A prática real das ideias celtas no mundo de hoje

Os Druidas conformavam a classe erudita do nosso passado ancestral Galaico-Lusitano. Eram um grupo altamente instruído que reunia o que na atualidade chamamos de médicos, juizes, filósofos, sacerdotes, etc. Assuntos como a ética e as crenças ficavam sob o seu escopo.

E? Temos uma tradição nativa céltica, druídica, é muito lindo e até poético, mas também é certo que o património e as tradições há que cuidá-las e ainda há um trabalho imenso de investigação e recuperação à frente. Porém, o que é que fazemos com o que já temos agora? A resposta é que há que valorizar e pôr em prática para nada disso ficar esquecido e morrer para sempre, à vez que também deve servir de empurrão para pesquisas futuras.

Há duas perspetivas ao meu ver perante a nossa tradição ancestral (embora, como disse, tudo deve continuar num processo sem fim de aprimoramento):

1) A *popular*, onde podemos apreciar e aprender de elementos positivos na nossa cultura, como, por exemplo (exemplos sempre incompletos!):

a) A ideia de “Fartura” (no sentido galego): A Fartura vista como a generosidade, onde os convidados nunca passam fome, no sentido

literal e figurado; onde sempre se partilha em abundância, pois na partilha conjunta está a riqueza do grupo. E a “panela cheia” dos celtas. Fartura aqui é um contrário de cobiça. Isto marca um encontro com um dos piores da sociedade céltica: a Hospitalidade, onde ninguém duvida que a nossa sociedade, na Galiza é Portugal, foi sempre, tradicionalmente, hospitaleira.

b) O respeito e reverência pela Natureza: o equilíbrio com o ambiente, estragado uma vez aparece a aberrante ideia da Natureza ao serviço do ser humano. Olharmos para a Natureza no sentido céltico significa perceber que somos parte dela - somos Natureza - e qualquer abuso ou dano sobre ela e um dano absurdo sobre nós mesmos. A Natureza como conceito na Druidaria é tudo, é o absoluto, e para isto só temos que retomar os ensinamentos de não há tanto tempo; é algo que não foi totalmente perdido no nosso folclore e mundo rural.

c) O sentido de Comunidade e a relação do indivíduo com nela: o equilíbrio entre a liberdade do indivíduo e a contribuição que possa fazer à sua comunidade, assim como o apoio de volta dessa comunidade para o indivíduo. Isto ainda está codificado culturalmente, também.

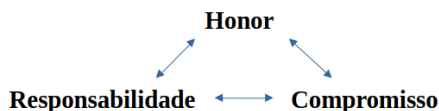
Como se diz no portal da Irmandade Druídica Galaica: “Eis um elemento da focagem druídica galaica: o equilíbrio entre a liberdade da pessoa Druidista e a responsabilidade e compromisso com o Wékos (Clã); o balanço entre o indivíduo e a sua singularidade e o seu contributo ao conjunto como tal. O conjunto é melhor com a união de pessoas fortes e complementares, gente com ideias próprias e propostas diversas e originais trabalhando ao unísono, com honor e sentido de finalidade comum” (*durvate.gal*)

Doutra parte, temos a 2) Perspetiva Druídica *elaborada*: A redefinição duma filosofia e ética druídica como tal.

Neste momento aparece a tríade básica de todo o pensamento druídico contemporâneo, que é a tríade: Responsabilidade, Honor e Compromisso. Responsabilidade, nunca “culpa”: “[A Responsabilidade] dos nossos atos. Não há castigos nem recompensas, e por tanto aí reside a liberdade do ser humano: fazer ao sentir que tem que ser feito, não esperando nada em troca” (*durvate.gal*).

O Compromisso, ou agir segundo a palavra dada. Isto é, se não vais ser capaz, não dês a tua palavra. O Compromisso é uma encarnação da Responsabilidade.

O Honor é o fator externo da comunidade para o indivíduo, uma espécie de reputação. É o valor da pessoa adquirido a seguir das suas ações práticas e diretas. É também a força que leva a perseverar perante a adversidade como uma espécie de orgulho positivo.



Já que isto é complicado de resumir e até de escrever, talvez um caso prático ajude: pensemos em algo que estiver a acontecer agora mesmo no mundo e apliquemos a tríade: Responde a uma questão honorável? Quem é responsável? Está-se a atuar corretamente segundo essa responsabilidade? E o compromisso? Foi quebrada a palavra ou não? Então, o que está a acontecer... responde bem à tríade? Se as respostas forem mais negativas do que positivas, saberemos que o assunto vai por mal caminho.

Este simples mas altamente eficiente sistema funciona como uma ferramenta filosófica, uma bússola ética que chega até nós através dos séculos. Tudo isto é algo que, por exemplo, também se tenta codificar na IDG com as chamadas “Nove Regras de Conduta” (9.durvate.gal), que pretendem ser uma compilação, umas recomendações em forma de lista simples, de como atuarmos em sociedade como celtas hoje em dia. Brevemente:

1. *Cortesia e educação*: Sé decididamente cortês, sé educado. Saúda e sorri. Agradece sempre, especialmente a pessoas subordinadas. Mantém as boas formas em todo momento. Não provoques barulho nem sejas desagradável. Pede desculpas se causas moléstia ou incomodo acidentalmente. Sé pontual.
2. *Hospitalidade e generosidade*: Um celta mede-se pela sua hospitalidade. Fornece, dá com fartura, assegura-te de que ninguém no teu clã sofra necessidade. Partilha. Ajuda ao estranho... se a sua causa é genuína e a sua conduta adequada. Acolhe de braços abertos a quem o mereça e retribua, mas não permitas abusos, roubos e descaramentos.
3. *Conhecimento*: Informa-te, estuda, vai à raiz. Não fales do que não sabes, aprende de quem sabe. Nunca espalhes rumores. Pergunta e debate como ferramenta contra a ignorância. Se ofereces uma opinião

fundamentada informa que é uma opinião e não um facto. Defende os factos, aliás, se genuinamente acreditas neles como certos. Aceita estar equivoocado/equivocada quando aconteça.

4. *Respeito e tolerância*: Respeita a quem pensa e atua diferente se o faz com [Honor]... e convicção genuína. Destrói a charlatães e impostores. Defende as tuas crenças e valores mas sempre com argumentos e atitude construtiva. Ouve, sé empático, mas não toleres a quem só prevarica ou quer causar mal.

5. *Justiça e verdade*: Sé justo. Diz a verdade. No pensamento celta, uma vez algo é decidido só isso pode vir a ser e, portanto, nada pode estar errado nesse momento preciso. Se depois se demonstra como errado assume-o, cresce como pessoa, e corrige e repara sempre todo mal causado. Mas esmaga os ardis de quem te quer enganar ou tirar proveito de ti.

6. *Terra e Natureza*: A Terra sustenta a nossa realidade, a Natureza é tudo ao nosso redor. São o legado do passado para o futuro. Respeita-as, honra-as. Nunca as danes e, mais do que isso, cuida delas, pois elas som tu e tu és elas. Informa a toda pessoa que desconheça esta verdade, combate toda pessoa que [apesar de] saber atue na sua contra.

7. *Cuidado e saúde*: Cuida-te, mantém-te são e seguro, mantém-te asseado. Respeita-te. Faz o necessário para estares sempre em boa condição física. Aprende como funciona o teu corpo e conhece as suas reações, pois o teu bem-estar mais elementar depende disso. Cuida a higiene própria e doméstica, como faria qualquer animal, pois a Natureza é ordenada e limpa. O desleixo é egoísmo.

8. *Sem dano, sem ódio*: Não provoques dano a nada nem ninguém. Respeita a propriedade dos demais e exige respeito para a tua. Jamais forces ninguém ao que não quer fazer. Defende o inocente. Cada pessoa vale o que valem a sua palavra e as suas obras, e cada pessoa deverá ser tomada individualmente no que é, para bem ou para mal. Se tens que combater que seja em defesa própria e porque tentas-te tudo e nada funcionou.

9. *Sentidinho*: Ou a palavra mais galaica possível para resumir o equilíbrio mental. Não sejas um tolo. Pensa, razoa, planifica antes de falares ou atuares. Considera tudo o dito e toma decisões honestas, não te enganes a ti mesmo. Atua com proporção e sem precipitação, mas com decisão e resolução... Evita provocações. [Destroça] rapidamente, porém, a quem nada disto respeite e te quiser fazer mal [de propósito].

E ainda mais resumido: Sé cortês e educado; Sé generoso/a e acolhedor; Estuda; Respeita os outros; Sé justo/a e sincero; Protege a Terra e a Natureza; Fica saudável, seguro e limpo; Não causes mal nem provoques ódio; Não sejas parvo.

Conclusão

O que se pretendeu colocar por aqui foi a ideia de que existe uma ligação com certeza complicada mas ainda firme com o nosso passado ancestral, e que há uma série de aprendizagens a tirarmos desse passado, da evolução dos elementos culturais, filosóficos e éticos surgidos na civilização céltica da que fomos berço; e ainda da adaptação dessas aprendizagens ao mundo atual e além, para o futuro.

Sem cair no disparate de que todo tempo passado foi melhor e que os unicórnios voavam pelos céus da Serra do Gerês (a *New Age* fez muito mal à Druidaria), dá para ver que a nossa própria Tradição tem muito a contribuir aqui e agora, nesta terra e em todo o mundo, pois existe aliás uma mensagem global na Druidaria: o caminho celta pode ser aprendido por qualquer um, e pode ser útil em geral.

Pode-se concluir que a nossa Tradição fornece-nos umas pautas de conduta sensatas e que encaixam perfeitamente com a complexidade e diversidade real duma sociedade viva. Dá-nos também dicas para a resolução de conflitos e problemas do dia a dia. Favorece o reequilíbrio com a Natureza sem esquecer o compromisso (outra vez a palavra) com a melhor ferramenta que existe para entendermos essa Natureza, que é a ciência, o conhecimento – está na etimologia da palavra que o Druida é o que “sabe”, o que “conhece”.

Uma forma de pensar celto-druidica, porém, deve ser esse balanço entre a análise racional e sentimento e conexão, entre o valor próprio como indivíduos e o serviço à comunidade; vivermos nesse quadro referencial de união inquebrável numa rede multipolar e elástica.

Porque a verdadeira tradição não emana do passado, nem está no presente, nem se [avista] no porvir; não é serva do tempo. A tradição é a alma eterna da Galiza, que vive no instinto popular e nas entranhas graníticas do nosso chão. A tradição não é a história. A tradição é a eternidade.

A.D.R. Castelao (*Sempre en Galiza*, 1944)

Bibliografia

Alberro, M. (2001): “El NW de la Península Ibérica como parte de la zona Atlántica de la Edad del Bronce”, em *Hispania Antiqua*, nº 25, pp. 5-28.

- Alberro, M. (2002): “La mitología y el folklore de Galicia y las regiones célticas del noroeste europeo atlántico”, em *Garoza. Revista de la Sociedad Española de Estudios Literarios de Cultura Popular*, nº 2, pp. 9-30.
- Alberro, M. (2007): “Diosas de Galicia con equivalentes celtas o indoeuropeos”, em *Anuario Brigantino*, nº 30. Betanzos, pp. 89-116.
- Benozzo, F. e Alinei, M. (2008): *A área galega na prehistoria lingüística e cultural da Europa*. Apenas Livros.
- Benozzo, F. (2018): “Uma paisagem atlântica pré-histórica. Etnogénese e etnofilologia paleo-mesolítica das tradições galega e portuguesa”, em *Atas das Jornadas das Letras Galego-Portuguesas 2015-2017*, DTS, Università di Bologna e AGLP, pp. 159-170.
- Brañas, R. (2000): *Deuses, heroes e lugares sagrados*. Sotelo Blanco, Compostela.
- Castelao, A.D.R. (1944): *Sempre en Galiza* – obra clássica com múltiplas edições.
- Cunliffe, B.W. e Koch, J.T. (ed.) (2012, 13 e 16): *Celtic from the West (1, 2 e 3)*. Oxbow Books.
- Emerick, C. (2013): “When witches communed with fairies”, em *Celtic Guide*, Vol. 2 (10), p. 11-15. Disponível em https://www.academia.edu/4537871/When_Witches_Communed_With_Fairies_-_Carolyn_Emerick
- Fernández Soutullo, J. (2013): “Pisadas dos Ancestros na Illa do Grove”, em *Aunios*, nº 18, A.C. Piñeiróns (Ogrobe), pp. 31-34.
- García Fernández-Albalat, B. (1990): *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*. Edicións do Castro, Sada.
- García Fernández-Albalat, B. (1996): “Antigüedad: La religión de los castreños”, em *Semanata. Ciencias Sociais e Humanidades*, nº 7-8, pp. 33-90.
- García Fernández-Albalat, B. (1999): *Las rutas sagradas de Galicia. Perduración de la religión celta de la Galicia antigua en el folclore actual*. Deputación Provincial da Coruña.
- García Quintela, M.V. e Santos Estévez, M. (2008): *Santuarios de la Galicia céltica. Arqueología del paisaje y religiones comparadas en la edad del hierro*. Abada Editores, Madrid.
- Jiménez Cano, C. (2006): “Epitafio de Julio Fausto y Durbedia”, em *Hispania Epigraphica*, registo nº 27691. Disponível em http://eda-bea.es/pub/record_card_2.php?Warning:_strlen%28%29_expects_parameter_1_to_be_string_array_given_in_/var/www/html/eda/pub/constants_inc_php_on_line_235rec=8&page=1038&rec=27691&newlang=pt
- Mac Cana, P. (2011): “The cult of the sacred centre. Essays on Celtic ideology”, em *Clogher Record*, Vol. 20, nº 3, Clogher Historical Society, p. 582-585.
- Matasović, R. (2009): *Etymological Dictionary of Proto-Celtic*, Leiden-Boston.
- Milésio, X. (2017): “Druids and Druidry in the 21st century”, em *A Revista da Tradição Lusitana*, nº 3, Assembleia da Tradição Lusitana, pp. 66-74.

- O'Flanagan, P. (1996): *Xeografía Histórica de Galicia*. Xerais, Vigo.
- O'Flanagan, P. (2001): "Galicia en el marco geográfico e histórico de la Europa Atlántica", em *Xeográfica I*, pp. 115-133, Compostela.
- Paredes, X.M. (2000): "Curiosities across the Atlantic: brief summary of some of the Irish-Galician classical folkloric similarities nowadays. Galician singularities for the Irish", em *Chimera*, nº 15, Dept. of Geography, University College Cork, pp. 43-49.
- Paredes, X.M. (2015): "A utilidade do celtismo. Celtismo galaico no séc. XXI", em *Atas das Jornadas das Letras Galego-Portuguesas 2012-2014*. DTS e SAGA. p. 175-190.
- Paredes, X.M. (2018): "Sobrevivência da antiga religião galaica e concomitâncias na Europa Atlântica", em *Atas das Jornadas das Letras Galego-Portuguesas 2015-2017*, DTS, Università di Bologna e AGLP, pp. 51-63.
- Pena Graña, A. (2005): "Entronización real celto-atlántica en la trebopala", em *Celtiberia.net*. Disponível em <http://www.celtiberia.net/articulo.asp?id=2518> (Acesso em 27 Abril 2015).
- Ribeiro, O. (1945): *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico* – obra clássica com múltiplas edições
- Rodríguez Cruz, J. e Lourenço Fontes, A. (2005): *Mitos, crenzas e costumes da Raia Seca: a máxima fronteira galego-portuguesa*. Ed. Ir Indo.
- Ross, A. (2004): *Druidas*. Ed. Toxosoutos (Série Keltia), Noia.
- Sá Bravo, H. de (1991): *Creencias del costumbrismo religioso en Galicia*. Deputación Provincial de Pontevedra.
- Solla, C. (2007): *Monte do Seixo. O santuario perdido dos celtas*. Serpe Bichoca, Verbo Xido e Adegá.
- Villar, F. (2010): "Dvrvede, Deo Dvrvedico y el sufjo -ëto", em *Palaeohispanica* 10, pp. 173-184.
- Waggaman, B. (1988): "A Comparison of the Celtic Influence in Brittany and Galicia", em *Actas do Segundo Congreso de Estudios Galegos*, Carreño (ed.), Brown University-Editorial Galaxia, pp. 489-497.